

# O confederalismo democrático:

uma aproximação ao conflito curdo

---

## Todo por Hacer

**N**esses tempos, chegaram muitas notícias até nós sobre o Oriente Médio, a convulsão na região segue aumentando e dia a dia chegam novas informações sobre o avanço do Estado Islâmico, as contraofensivas do exército iraquiano ou os bombardeios dos Estados Unidos e seus aliados. Um verdadeiro turbilhão de dados, histórias e notícias, onde é fácil se perder; ainda mais quando os meios de comunicação convencionais já não sabem nem como se posicionar: em poucos meses os bons se tornaram fanáticos e os maus agora podem ser aliados. De nossa parte, a intenção deste artigo é nos aproximarmos a um dos protagonistas indiretos deste contexto: os curdos, que nos últimos meses se transformaram praticamente nos únicos capazes de fazer frente ao rápido avanço dos fanáticos do Estado Islâmico. Já faz tempo que queríamos dedicar algumas linhas sobre a resistência deste povo, com sua quase eterna luta em defesa de suas formas de vida e cultura; mas, antes de tudo, desejávamos tomar contato com as propostas ideológicas e práticas de algumas das organizações deste povo. Se não fizemos antes foi pelos importantes problemas que implica a investigação deste tema, que nos é distante, com pouca informação facilmente acessível, com a dificuldade de contrastar tudo o que lemos... Mas é certo que nos últimos meses aumentou a informação que nos chega sobre o tema em castelhano, principalmente através de duas páginas de internet: [alabarricadas.org](http://alabarricadas.org) e [solidaridadkurdistan.wordpress.com](http://solidaridadkurdistan.wordpress.com)<sup>1</sup>.

---

1 No caso brasileiro, o acesso às informações sobre o atual contexto do povo curdo é ainda mais

## Um pouco de história

Primeiramente, trataremos de ressaltar, ainda que de modo muito superficial, a história do povo curdo, para que possamos entender melhor seu presente e suas expectativas de futuro. Suas origens se encontram no seio dos diversos povos indoeuropeus que se assentaram em torno da região em que atualmente se encontram (uma ampla região, em grande parte montanhosa, no sudoeste da Ásia, entre os montes Taurus – sul da Turquia –, Zagros e Elburz – noroeste do Irã) por volta de 2500 a.C. Durante a Idade Média, mantiveram-se autônomos, até que as tensões entre os dois grandes impérios da região, o nascente Império Otomano e o já antigo Império Persa, fizeram da região um ponto estratégico, fazendo com que ambos Impérios a dividissem entre as suas fronteiras. Já no século XIX multiplicaram-se as revoltas da população curda para sua libertação dos otomanos, mas todas elas fracassaram. Durante todo este tempo, a sociedade curda viveu principalmente baseada em uma organização tribal, dedicados ao pastoreio e à agricultura, junto com um grande conjunto da população nômade.

O ponto de inflexão seguinte na

---

complicado. Poucas notícias são veiculadas. Atualmente, a melhor fonte é: <https://resistenciacurda.wordpress.com/>. (N. T.)

história deste povo encontra-se no início do século XX, durante a Primeira Guerra Mundial. Este grande conflito que fez meio mundo sangrar também trouxe mudanças substanciais na geografia política, sobretudo na do Oriente Médio (junto com a Europa Central). A derrota do Império Otomano e a invasão da maioria do seu território por ingleses, franceses, italianos, estado-unidenses e gregos, deu a oportunidade às potências ocidentais de criar um novo *statu quo* na região, permitindo que a explorassem economicamente. A tudo isso deve se somar o apoio que as forças ocidentais deram, durante a guerra, a muitos povos que viviam sob o jugo otomano (árabes palestinos, armênios, curdos) que, após o fim do conflito, reclamaram sua independência. Neste contexto, é assinado em 1920 a repartição da região com o Tratado de Sevres, em que é apresentado um Estado Curdo com aproximadamente um terço da superfície ocupada por este povo. Porém, frente à reação do nacionalismo turco, encabeçado por Mustafá Kemal, diante suas vitórias contra as forças ocidentais e ainda o receio de um alinhamento turco com a Rússia, em 1923 foi apresentado um novo tratado, o de Lausanne. Nele, os curdos se viam sem Estado, permanecendo na região entre as fronteiras desenhadas pela ocidente. O importante para as potências ocidentais era não

perder o bolo do controle econômico e dos recursos da região ou ao menos ficando com fatias suficientes.

A partir deste momento e durante a segunda metade do século XX cresceram os processos de luta dos curdos pela sua emancipação. Na região turca, após o fiasco das promessas ocidentais e frente à proibição do idioma curdo (ou melhor, um dos dialetos deste povo, falado no leste do Curdistão), iniciou-se uma levante, reprimido pelo governo de Kemal, que a partir deste momento deu início a uma série de práticas destinadas à dominação dos curdos, mantida até nossos dias, através do controle militar, educativo e geográfico da população (neste sentido, são numerosas as aldeias curdas destruídas devido à migração de parte da

população para as cidades, assim como o estabelecimento de colonos turcos na região). Pela outra parte, na zona iraniana chegou-se a criar durante um ano, em 1940, a República de Mahabad. E quanto à região sob domínio do Iraque, os anos 70 presenciaram o começo da luta armada dos curdos contra as tropas iraquianas, o que levou, durante um curto espaço de tempo, à criação de várias zonas autônomas ao governo de Bagdá. Acrescenta-se a essa história o famoso trágico ano de 1988, quando durante o curso da guerra entre Irã e Iraque, o exército de Saddam Hussein atacou com armas químicas a população curda iraquiana. Todavia, nem tudo foram lutas pela independência, também sucederam diversos conflitos entre os próprios curdos, derivados de



lutas tribais ou políticas.

Para finalizar, o início deste século trouxe importantes mudanças no contexto geopolítico, reverberando sobre esta região do mundo. A segunda Guerra do Iraque, em 2003, resultou um passo adiante dos partidos curdos iraquianos pela sua independência, pois seu apoio ao governo americano lhes deu um status autônomo especial, que cresceu nos últimos tempos devido à semi-decomposição do governo iraquiano pelo avanço do Estado Islâmico. Do mesmo modo, as diversas primaveras árabes que ocorreram no norte da África e no Oriente Médio levaram a uma guerra civil na Síria diante da qual a região curda, que não se posicionou nem de um lado nem do outro (o governo Assad e a amálgama dos “rebeldes”), tem conseguido uma autonomia real, em que governam e defendem a si mesmos.

Dessa maneira, atualmente os curdos são um povo de aproximadamente 40 milhões de pessoas, localizadas entre os estados do Irã, Iraque, Síria e Turquia, contando também com uma importante colônia na Armênia e em vários países da Europa Ocidental (Reino Unido, Alemanha, França e Suécia). Um povo que, em diferentes níveis, tem sido e é negado social, cultural e politicamente pelos governos destes quatro Estados. O caso mais sangrento pode ser o turco, no qual até há pouco tempo estava proi-

bido até falar a palavra Curdistão. Sobre o porquê desta situação, desta opressão, um fator primordial é o econômico (que surpresa!). A região em que estão os curdos é muito rica em matérias-primas, especialmente na área energética, contendo a totalidade das reservas petrolíferas da Turquia e Síria, 40% das iraquianas e 10% das iranianas, às quais se somam neste último caso umas das maiores reservas de gás natural do país; assim como é uma das zonas de maior produção de cereais do Oriente Médio e tem também uma importante superfície de pastos para o gado. Logo em 1925, dois anos depois do já citado Tratado de Lausanne, foi criada a *Irak Petroleum Company*, com participação francesa, inglesa e estadunidense. Como em muitos outros casos, a riqueza de uma região acaba convertendo-se na razão da sua miséria.

### **O confederalismo democrático**

Uma vez melhor situados sobre o assunto, nos parece interessante apresentar uma das mais importantes correntes dentro da luta do povo curdo, a que tem como epicentro (e grupo para nós mais conhecido) o PKK, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão. Esta organização nasceu na zona turca do Curdistão em 1978 como uma aposta pela libertação nacional e social do povo curdo a partir de uma perspectiva

marxista-leninista, com a intenção de criar um Estado Curdo Socialista dentro da órbita da antiga URSS. Após anos de guerra contra a Turquia (com a qual atualmente encontra-se no meio de um delicado processo de paz), inicia-se no seio do partido um afastamento do Socialismo Real, uma evolução ideológica que começou a ficar patente entre finais do século passado e começo do presente, fruto de um estancamento do processo de luta anterior e de uma avaliação crítica do caminho (algo que já por si mesmo nos parece muito saudável dentro de qualquer organização), e que a ritmos nem sempre uniformes tem envolvido tanto as bases como os quadros do partido (com especial menção a Öcalan, líder carismático do PKK, preso em uma cadeia turca desde 1999). Esta mudança veio da criação por parte do PKK de uma frente ampla denominada KCK (União das Comunidades do Curdistão), sobre a qual articulam-se mais de 400 organizações políticas e sociais, e que foi formando um novo projeto político baseado no que eles denominam de confederalismo democrático.

Esta nova tendência, sem renegar o marxismo, bebe principalmente do municipalismo libertário e da ecologia social teorizados pelo estadunidense Murray Bookchin. Neste sentido, seu núcleo ideológico articula o socialismo, o ecologismo e o feminismo. Pro-

põe uma “democracia sem Estado”, que se fundamenta na economia comunal, na decisão e no trabalho desde baixo e na centralidade dos municípios como eixos da vida social (que iriam constituindo uma grande confederação); embora também inclua nessa proposta a contraditória participação no aparato estatal atual através de eleições, algo que já prescreve o anarquista estadunidense.

Na prática, o peso desta teoria recai sobre as assembleias e os conselhos locais, apostando na autogestão no âmbito político e econômico (em relação à “educação, saúde, cultura, agricultura, indústria, serviços sociais e segurança, assuntos da mulher, a juventude e o esporte”). A luta armada acabou indo progressivamente para o segundo plano (se é que se pode falar assim em um contexto de guerra com os diferentes Estados da região) frente a um processo de extensão da política construída a partir de baixo.

Existe participação popular<sup>2</sup> nos conselhos, incluindo de pessoas não curdas, e enquanto as assembleias de bairro são fortes em várias províncias, em Diyarbakir, a maior cidade no Curdistão turco, há assembleias em quase toda parte. Em outro lugar, nas províncias de Hakkari e Sirnak há duas autoridades paralelas [o KCK e o Estado], dos quais a estrutura confederal de-

---

2 <http://new-compass.net/article/kurdish-communalism>



mocrática é mais poderosa na prática. O KCK na Turquia<sup>3</sup> se organiza tendo por base a aldeia (*köy*), o bairro urbano (*mahalle*), o distrito (*ilçe*), a cidade (*kent*), e a região (*bölge*), que se denomina “o Norte de Curdistão”. O nível ‘mais alto’ da federação no norte do Curdistão, o DTK (Congresso da Sociedade Democrática), é uma mescla de delegados com mandatos revogáveis eleitos por seus iguais, que constituem 60% do total, e os representantes de mais de quinhentas organizações da

sociedade civil, sindicatos e partidos políticos, que formam os 40% restante, dos quais aproximadamente seis por cento está reservado para os representantes de minorias religiosas, acadêmicos ou outros com um conhecimento ou ponto de vista particular.

Do mesmo modo, o aspecto mais étnico e nacionalista, ainda presente em certa medida, vai deixando espaço a uma nova aposta federativa que se distancia das fronteiras, na qual o Estado-Nação já não é o paradigma a seguir, e sim propõe-se uma sociedade com o poder descentralizado em assembleias locais. No final das contas, e considerando as palavras do jornalista

3 [https://www.academia.edu/3983109/Democratic\\_Confederalism\\_as\\_a\\_Kurdish\\_Spring\\_the\\_PKK\\_and\\_the\\_quest\\_for\\_radical\\_democracy](https://www.academia.edu/3983109/Democratic_Confederalism_as_a_Kurdish_Spring_the_PKK_and_the_quest_for_radical_democracy)

e antropólogo curdo Mehmet Dogan: “O Estado-Nação capitalista é um Estado que legitima a dominação em três sentidos: em primeiro lugar, permite que uma classe explore as classes populares; em segundo nível, através do machismo; e, por último, temos a dominação sobre a natureza... O confederalismo democrático não prevê somente a autodeterminação dos povos curdos, turcos, armênios, árabes e persas, mas sim também aposta na construção de um modo de organização comunitária desde a base, onde todos possamos viver em harmonia com a natureza, onde homens e mulheres sejam realmente iguais.”

Com tudo isso, não tratamos de expor uma visão idealista da luta do KCK, senão apresentar melhor mais uma tentativa de superação da atual sociedade de miséria, com seus prós e seus contras (pois certos aspectos não nos agradam muito, como os ainda presentes traços autoritários da forma partido ou a excessiva adoração do líder Öcalan, visível algumas vezes), que nos permita refletir.

### **A luta das mulheres**

Como já foi dito, outro dos pilares que a proposta do confederalismo democrático tem como eixo é a questão de gênero; e certamente nos parece um ponto de grande importância. A

discriminação da mulher na sociedade curda, fruto tanto da modernidade capitalista e sua mercantilização, como da tradição tribal patriarcal ou das diversas interpretações do islã, é algo patente e assumido como um problema central na sociedade que, caso não seja resolvido, não será possível a libertação social ou nacional. Isto tudo, partindo ainda de uma sociedade tradicionalmente menos coercitiva neste tema do que outras zonas do Oriente Médio.

Nesse sentido, destacam-se dentro do KCK várias organizações específicas de mulheres, como a YJA turca, o YR iraniano ou a União-Star síria, que cobrem diversas áreas de trabalho, no plano ideológico, social ou de autodefesa. Se é certo que a existência de algumas destas organizações remonta aos anos 80, com o tempo têm se expandido e ganhado maior protagonismo na política do dia a dia, do cotidiano, além do mero âmbito guerrilheiro. Seu trabalho passa, antes de tudo, pela consciência da população, pelo esforço de superação de uma masculinidade dominante e uma feminilidade submissa.

Entre algumas das iniciativas postas em prática neste sentido, cabe destacar o trabalho que vem se desenvolvendo pela participação massiva e ativa das mulheres nos diversos comitês e assembleias, a proposta pela

co-presidência (de um homem e uma mulher) de conselhos e de associações aderidas ao KCK ou a criação de vilas autogestionadas por e para mulheres vítimas de maus tratos. A isso se soma a já clássica, mas mais visível

nestes momentos de conflito aberto com os energúmenos do Estado Islâmico, liberdade de uso (ou não) do véu ou as milícias armadas estritamente femininas.

**Todo por Hacer** é um blog e jornal anarquista mensal de Madri, Espanha ([todoporhacer.org](http://todoporhacer.org)). Texto publicado no número 45, outubro de 2014, traduzido para o português por Biblioteca Terra Livre.